

3.13 — O medicamento e a relação de comunicação . . . . .	126
3.14 — O hipertenso como consumidor exemplar de medicamento . . . . .	132

### III — Conclusões

4.1 — Eixos temáticos . . . . .	135
4.2 — Hipóteses . . . . .	136
4.2.1 — Preâmbulo . . . . .	136
4.2.2 — Hipóteses . . . . .	137
4.3 — Conclusão geral . . . . .	143
4.3.1 — O sentido da saúde e a educação em saúde . . . . .	143
4.3.2 — Sentido global e sentido particular . . . . .	144
4.3.3 — Tentativa de reconstrução de uma totalidade . . . . .	146

<i>Referências Bibliográficas</i>	153
<i>Anexos</i>	157

IN LEFÈVRE, F. O MEDICAMENTO COMO  
MERCADORIA SINDÓLICA.  
 SÃO PAULO: EDITORA CORTEZ.  
 1991.

Pasta Nº 80  
 Nº de Fis. 2 · Nº Artigo 3  
 Aula 5

# Evolução

“It is common in Africa, for a patient whose complaints have been cured by a course of antibiotic to ask for more of the same medicine to ensure a continuing state of good health.”

Michel, J.M. Why people like medicines? A perspective from Africa. *Lancet* 1 (8422), 1985.

“Na realidade, desde há muito tempo, o brasileiro tem (ou sofre) um processo de acompanhamento químico que vai do nascimento ao final de seus dias (...) Desenvolveu-se, desde cedo, o quimismo familiar que, em fases posteriores, passará, talvez, para os anorexígenos ou, quem sabe, aos hipnóticos, antidistônicos e fortificantes. Enfim, haverá sempre uma solução química para o problema de cada um.”

Sá, B.A. — Drogas/seus estímulos. *Jornal do Brasil* 1/12/1986.

Os africanos acreditam no antibiótico; nós, no medicamento em geral. Querera isto dizer que somos mais evoluídos que nossos irmãos africanos?

# Da automedicação à saúde como mercadoria

“Eu cheguei lá, eu tou com um problema, cheguei lá: o que é que você tem? Eu olhei e: escuta aqui, não é médico isso aí? Se eu soubé o que eu tenho eu vou na farmácia e compro o remédio que me interessa.”

Dna. Eulice: Pesquisa Participante — Itapecerica da Serra. Reunião da Pesquisa: 07/03/87.

“Há quem ache inevitável a destruição do meio ambiente no planeta. Para fazer frente às atividades destruidoras na biosfera, uma indústria japonesa produziu recipientes com cinco litros de oxigênio e um empresário abriu um ‘bar de oxigênio’. São reflexos de uma filosofia de vida e da saúde que considera necessário comprar um produto para ter saúde e que pode ser transformada em mercadoria o bem mais comum que tem a humanidade”.

Berlinguer, G. In: Proposta. *Radis/Fiocruz* 2 (11), 1988.  
NOBRES PROPÓSITOS.

“La industria farmacéutica e la única en la que és posible hacer que la explotación parezca un noble propósito.”

Dr. Dale Causale: ex-director médico de la Squibb in Bodenheimer, T.S. La indústria farmacéutica internacional y la salud de la población mundial. In: *Cuadernos Médico Sociales*, 1983.

## I • Introdução

### 1 — Definição do problema

Um problema estava na base deste trabalho quando ele foi originalmente concebido. Esse problema dizia respeito à automedicação.

O consumo de medicamentos sem prescrição ou orientação médica atinge (3, 14, 22, 31, 37, 43, 48, 64, 71) altas proporções em nosso meio e em outros países (9, 13, 25, 42, 51, 73), como, por exemplo, os Estados Unidos. De acordo com Haffen (38), “Os americanos estão literalmente submergidos numa orgia de automedicação” (*op. cit.*, pág. 39).

Este comportamento representa importante problema de Saúde Pública, por este consumo implicar nos riscos diretos e indiretos, inerentes à utilização de medicamentos (18, 34, 38, 68, 75). Estes se potencializam, naturalmente, quando aqueles são consumidos sem indicação e supervisão médicas. Cumpre aqui referir, também, que o consumo de medicamentos sem prescrição ou orientação médica leva a consequências não menos importantes, como a perda de poder dos antibióticos, fenômeno que está ligado a sua utilização